

MEMÓRIA A DOIS TEMPOS

Um quadro comum acompanha este duplo conjunto de fotografias que emergem do arquivo do Centro de Documentação 25 de Abril. Uma série de impressionantes imagens a preto e branco evoca o território humano da emigração portuguesa na região de Paris no princípio da década de 1970. A seu lado, o belo trabalho fotográfico de Susana Paiva feito sobre um «kit do falsificador», conjunto de peças destinadas a criar identidades para quem delas precisava para escapar à guerra e à perseguição da polícia política e para o trabalho clandestino de resistência ao regime que Abril derrubou. Une-as a pertença a um mesmo tempo e a um mesmo mundo, quando a luta por obter uma vida melhor se cruzava com o difícil combate dos homens e das mulheres que preparavam um país mais livre.

Rui Bebiano

Organização

Centro de Documentação 25 de Abril da U.C.

Diretor

Rui Bebiano

Ideia, concepção e fotografia de Susana Paiva
a partir de documentos de arquivo no CD25A

Apoio à montagem

Fernanda Pinheiro da Silva, Filomena Calhindo e Joana Moreira

Apoio à pesquisa

Luísa Francisco e Natércia Coimbra

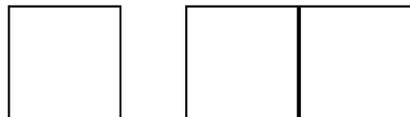
Esta exposição é também uma homenagem a Luís Pascoal, importante doador do Centro, recentemente desaparecido, que reuniu o núcleo fotográfico original aqui exibido, e a José Hipólito dos Santos também ele um importante doador do Centro, desaparecido em 2017, a quem pertenceram os objetos fotografados.

2019

04/03 a 30/04



CAMINHOS QUE ABRIL ABRIU



M1| Texto de Rui Bebiano.

M2| FT05945 - Meaux. Emigrante português e a sua mulher alemã, jul. 1972 © L. Torres.

M3| Compasso para ver com exactidão as pequenas dimensões no documento original e para as acertar na correcção que se fazia.



M4| Carteira do kit de falsificação de documentos.

M5| FT05952 - Fila à porta do consulado. Nogent-Sur-Marne, agt. 1972 © N. Torres.

M6| Na altura as chapas das matrículas dos carros, em Portugal e noutros países, podia ser feita manualmente com letras coláveis. Isso era utilizado para fazer coincidir um documento do carro com a matrícula, ou para circular com outra matrícula, durante um tempo e percurso limitado.



M7| Alicates para por e tirar ilhoses.

M8| FT05942 - Foyer, Champigny. Lendo carta da família ao domingo, agt. 1972 © L. Torres.

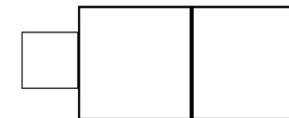
M9| Complemento de perfuração - muitos documentos, passaportes e outros, tinham o seu número perfurado na capa ou em todas as páginas. Então quando era preciso substituir páginas elas tinham de ser perfuradas com exactidão.



M10| Lâmina - o seu recurso devia ser em último caso e muito ponderada para não raspar demasiado, para não cortar, etc. Um diluente para ajudar a apagar letra.

M11| FT05950 - Bidonville em St Denis, agt. 1972 © N. Torres.

M12| Vários tipos de aparos para canetas e assim dar continuidade ao que já estava escrito no documento original. É preciso não esquecer que na altura a esferográfica ainda não estava em utilização generalizada, a "caneta de tinta permanente" era só acessível a pessoas com meios e, assim, nos escritórios e repartições ainda se escrevia, na maioria dos casos, com canetas com aparos e frasco de tinta.



M13| Datador. Luneta para observar o detalhe, antes, durante e depois, da zona alterada no passaporte ou outro tipo de documento. Tubos de tinta/pastel para às vezes esconder defeitos no documento de origem onde havia fundo negro.

M14| FT05943 - Operário (soldador) português na Torre M-Montparnasse, agt. 1972 © N. Torres.

M15| Trata-se duma liga metálica, fundindo a muito baixa temperatura, e que servia para reproduzir o selo branco existente no documento original.



M16| Sem legenda. O doador não se recordava da serventia.

M17| FT05948 - Bidonville em Conflans Ste Honorine, agt. 1972 © L. Torres.

M18| Aparelhos diversos para aquecer uma foto colada, ou um selo - não aparece uma colher de alumínio que servia para aquecer a parte côncava para o contacto ser menor com a zona a trabalhar. Também servia para secar depois da utilização dum diluente.



M19| Régua para desenho adequado de letras.

M20| Caixa com selos vários - nos documentos originais muitas vezes havia selos consulares. Também os selos do correio eram necessários para pôr num envelope duma carta que se tinha "recebido" para dar consistência à nossa explicação.

M21| FT05951 - Bidonville em St Denis, agt. 1972 © N. Torres.

M22| Escova para limpar o documento a trabalhar e também os instrumentos que iam ser utilizados. Caixa com ilhoses e certamente outros aparelhos para utilizar no documento, depois de lhe ter sido retirado o original. Selos fiscais (era difícil ter selos consulares, mas selos fiscais não, pelo que eram estes utilizados... só nas fronteiras portuguesas seriam capazes de descobrir isso).